

# O MESSIAS SELVAGEM

---

— COMO O —

**DR. JORDAN PETERSON**  
**ESTÁ SALVANDO A CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL**

---

**JIM PROSER**



ALTA CULT  
EDITORA

Rio de Janeiro, 2021

## SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b>	<b>ix</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>xiii</b>
<b>CAPÍTULO UM: DESCIDA AO INFERNO</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO DOIS: PASSEIO PELO SUBMUNDO</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO TRÊS: NA BARRIGA DA BESTA</b>	<b>33</b>
<b>CAPÍTULO QUATRO: O RETORNO DO HERÓI</b>	<b>49</b>
<b>CAPÍTULO CINCO: SELVAGERIA</b>	<b>63</b>
<b>CAPÍTULO SEIS: TENTAÇÃO</b>	<b>75</b>
<b>CAPÍTULO SETE: UM CÔMODO NINHO DE VÍBORAS</b>	<b>91</b>
<b>CAPÍTULO OITO: BRINCADEIRA DE CRIANÇA</b>	<b>115</b>
<b>CAPÍTULO NOVE: ORDEM E CAOS</b>	<b>131</b>
<b>CAPÍTULO DEZ: A MÃE DEVORADORA</b>	<b>141</b>
<b>CAPÍTULO ONZE: A REALIDADE E O SAGRADO</b>	<b>163</b>
<b>CAPÍTULO DOZE: A DARK WEB INTELECTUAL</b>	<b>189</b>
<b>CAPÍTULO TREZE: O TURBILHÃO</b>	<b>213</b>
<b>CAPÍTULO QUATORZE: RETALIAÇÃO</b>	<b>245</b>
<b>EPÍLOGO</b>	<b>305</b>
<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>311</b>
<b>NOTAS</b>	<b>313</b>

## CAPÍTULO UM

# DESCIDA AO INFERNO

**O próprio fato de que um problema genérico tomou conta completamente de uma pessoa e é por ela assimilado é uma garantia de que o falante realmente o experienciou e, talvez, ganhou algo com seus sofrimentos. Ele então refletirá o problema para nós em sua vida pessoal e, desta forma, nos mostrará uma verdade.**

— CARL GUSTAV JUNG, FUNDADOR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

**E**le analisou o pescoço do jovem rapaz, colega de escola, sentado à sua frente. Os finos cabelos e a suave ondulação das vértebras lhe causavam náuseas — algo relacionado à fragilidade e à fraqueza que insinuavam. Sua compulsão para atacar irrompeu, ameaçando escapar para o mundo real desta vez. De repente, viu-se em uma fúria cega e sedenta por sangue. Seu coração disparou, e sua atenção voltou-se à curva da pelugem frágil e macia, fina como se fosse a de um bebê, que dava a volta no pescoço, passando pelas jugulares vulneráveis de cada lado e chegando ao centro preciso da delicada vértebra. Ali, fundiam-se em uma linha vertical escura que marcava o centro exato do nervo espinhal.

Obviamente, a pelugem não daria nenhuma proteção contra o ataque do tipo que ele considerava fazer. Na verdade, ela apontava a alvos primordiais e destacava a larga faixa muscular na qual a ponta de sua caneta encontraria uma satisfação sanguinária. Em algum lugar dentro de sua cabeça, ouviu uma voz parecida com a sua, que talvez dizia algo como:

## 2 O MESSIAS SELVAGEM

*Ele não entende que o mundo todo está prestes a ser devastado por uma guerra nuclear? Bem, ele e todos nessa turma idiota ficarão com a porcaria dos olhos arregalados quando eu terminar aqui, vai ser o diabo!*

Permaneceu sentado, no fervor da trama por vingança perante a ignorância dos colegas de sala, enquanto imaginava os líderes mundiais preparando-se para evaporar a humanidade com fogo de urânio a sessenta milhões de graus Celsius, seis vezes mais quente do que o centro do Sol! Aquilo não tinha solução. Sabia que não tinha lógica, e religião ou filosofia alguma podia explicar. Não havia nada além dos exemplos óbvios e infinitos de barbárie que aconteciam em todos os lugares, diariamente, vez após vez, desde o princípio do mundo.

A pergunta que lhe atormentava, “Como o mal — o mal perene e generalizado — operava no mundo?”, há um tempo ricocheteava dentro de sua cabeça como um projétil luminoso, devastando seus pensamentos, impedindo-o de dormir e silenciando-o em seu quarto. Sabia que estava perdendo o controle, agora até quando em público. No entanto, não havia onde se apoiar, tampouco um norte a guiá-lo, enquanto tropeçava e caía em seu próprio poço lúgubre em direção ao inferno e à insanidade.

Jordan Peterson entrara no poço de seus próprios medos sete anos antes. Aos 13, já troçava dos contos de fada que lhe ensinavam nas aulas de crisma. *Nascer de uma virgem*, ahã, até parece! *Jesus ressuscitou dentre os mortos*, fala sério! Ficava de cabelos em pé até mesmo perante a ideia de esse papo furado ser ensinado em uma sala de aula, como se fosse uma educação real, e não apenas um punhado de fantasias antigas. Acreditava na ciência. De porte pequeno para a idade e pesando cerca de 50kg, o simples fato de estar próximo daquelas criancinhas cristãs quietinhas e obedientes era suficiente para que fosse repellido da turma legal — os caras durões que falavam palavrão, ficavam bêbados, contavam piadas nojentas e muito injuriosas, chegando até a urinar em túmulos. Ele não queria ser visto com aqueles nerds religiosos.

Apesar das esperanças da mãe, Beverley, de que ele encontraria conforto e orientação na fé cristã que ela exercia, o fato era que estava perdendo-o. Seu pai, Walter, diretor e professor de um colégio de ensino médio, era de pouca ajuda, visto que nunca tinha muito a dizer sobre o assunto. Embora o jovem Jordan amasse sua mãe e nela confiasse completamente, simplesmente não conseguia acreditar em um deus que transformava uma

mulher em uma estátua de sal ou que seu único *filho*, um homem comum, pudesse caminhar sobre as águas.

Era como se a urgência em rejeitar a fé da mãe, a primeira fratura indicativa de sua separação como indivíduo, colocasse sua curiosidade já hiperativa, quase maníaca, em marcha alta. Se a Bíblia fosse abobrinha, qual então era a verdade? Agora ele tinha que descobrir. Provavelmente não daria nem para transparecer tal ideia nerd para seus amigos. Era de sua exclusiva propriedade, como se tivesse entrado em sua câmara de eco pessoal para debatê-la, fechando a porta atrás de si. Assim a sós, mergulhou em busca de uma visão, na esfera dos heróis em busca do velo de ouro, o Santo Graal, ou o próprio Grande Espírito. Tendo apenas uma vaga noção de qual direção seguir, deu as costas ao Éden murado de sua mãe e saiu correndo rumo a seu conhecimento pessoal do bem e do mal.

Sabia que seu alvo estava nos alicerces do raciocínio humano e da ciência — tinha de estar. E tinha pressa. Mas já possuía todo o conhecimento sobre o bem e o mal que poderia usar.

Tal conhecimento era absorvido há tempos por meio da leitura de centenas de livros de ficção científica e aventura, em média um por dia, desde que era pequeno. Reconhecia instantaneamente uma pessoa má após poucas palavras de apresentação e, naturalmente, tinha esperanças de que, no fim, ela pagaria por seus atos maldosos. Pensava sobre o bem e o mal desde que conseguiu ler jornal, aos 6 anos. Tudo começou com os horrores do massacre de My Lai, em 1968. Depois, passou a conhecer as histórias sobre os milhões assassinados em guerras mundiais recentes que enchiam livros e filmes populares. Em 1975, então com 13, leu sobre os campos de extermínio do Khmer vermelho em Cambodja, que depois seriam abarrotados com 1,8 milhão de párias políticos, cuja maioria fora morta com picaretas para não gastar balas. Já havia lido sobre as dezenas de milhões de cadáveres das guerras mundiais e sabia que pessoas maldosas atuavam rotineiramente a céu aberto, enquanto as pessoas boas pareciam estar muitas vezes se escondendo, temerosas. *Deus está morto*, ouvira, e também: *A religião é o ópio do povo*. A religião servia para os nerds obedientes, e não para os caras durões que sabiam das coisas. *A religião é um mal*.

E assim, o jovem Jordan, mal entrado na adolescência, desafiava o ministro em sua aula de crisma, perguntando como as pessoas poderiam sequer acreditar no relato bíblico do Gênesis à luz das teorias científicas

#### 4 O MESSIAS SELVAGEM

modernas do big bang e da evolução. Aparentemente, não havia uma resposta satisfatória, apenas as reflexões de um devoto seguidor de Jesus Cristo. Isso enojava o rebelde, prestes a tornar-se o anjo caído. O que pensava era blasfêmia, e ele sabia disso. Mas, e daí? Não havia Jesus ou Deus para puni-lo, de qualquer forma.

Ele já sabia que o mal era algo que vinha de fora, como os monstros espaciais em seus livros de ficção ou os pistoleiros com chapéus pretos que se arrastavam para dentro das cidades buscando problemas, retratados nas aventuras do faroeste. O que não sabia era que um mal especial e pessoal já criara raízes profundas em seu interior, crescendo rapidamente. A sabedoria religiosa da qual troçara e que poderia tê-lo ajudado a enfrentar aquilo só seria adquirida dali a muitos anos, e apenas após muito sofrimento, flertando com a insanidade e quase morrendo.

Aparentemente a única orientação que o jovem Jordan seguia de sua mãe, leal e dedicada, era prosseguir buscando sua visão por meio dos livros, que continuava a consumir às dezenas. Felizmente, ela acabara de começar um trabalho como bibliotecária na faculdade Fairview, ali perto. Ela era a luz no *campus*, atraindo alunos e professores, encantando os colegas com sua personalidade divertida e brincalhona. Não demorou muito, e todos a adoravam quase que completamente, tal qual Jordan. Com a ajuda de colegas, ela pôde orientar seu filho, precoce no ensino médio, a respeito dos livros já da faculdade e das aulas que tratavam da política global e de questões sociais.

Obteve ajuda de Sandy Notley, bibliotecária do colégio de Jordan e mentora de grande influência que o apresentou aos novos livros de críticas políticas e sociais de George Orwell, Aldous Huxley, Alexander Soljenítsin e Ayn Rand. Sandy também lhe apresentou as políticas sociais em ascensão no Canadá. Ela era casada com Grant Notley, líder do Partido Democrático Novo [NDP — New Democratic Party], socialista, na província de Alberta. O NDP era até mesmo mais liberal que o Partido Liberal, em maioria no país. Jordan foi recebido no partido por Grant e não demorou para tornar-se um defensor das políticas socialistas do NDP. Com sua ambição, ética de trabalho impávida e talento para argumentar, ajudou a impulsionar o avanço do partido na política canadense.

À medida que preparava os envelopes com as malas diretas e fazia cartazes para as marchas de protesto, tornava-se cada vez mais inspirado pela revolução em prol dos trabalhadores, agricultores e operários de fábricas, todos oprimidos no mundo inteiro. Agora, orgulhosamente fazia parte do coletivo global, o proletariado, que era abusado e traído em todas as nações do planeta.

Tais palavras novas, *coletivo* e *proletariado*, mal podiam ser compreendidas pelos não iniciados. Mas ele, Jordan Peterson, com 13 anos, estava seguro de que encontraria o caminho que o levaria para longe da ignorância religiosa, em direção à resposta para a pergunta que o possuía totalmente agora: Como e por que o mal existe?

Ele queria saber como o mal político tomou conta de nações inteiras e, aparentemente, de todas as pessoas. Por que alguns países eram consistentemente mais ricos, e seus habitantes, mais felizes e bem-sucedidos, enquanto outros eram sempre pobres, miseráveis e ainda dominados pelo mal? Por que a OTAN e a União Soviética estavam sempre a um triz de uma guerra nuclear que aniquilaria tudo? Como alemães comuns poderiam ter se tornado nazistas? O que os teria levado a cometer atos tão obviamente cruéis e de modo tão despreocupado, ao ponto de apenas seguir ordens?

Ele não parava de fazer perguntas aos Nottleys e desafiava seus jovens camaradas do NDP a debater. Porém, estes, os voluntários da base da pirâmide, como ele, pareciam incomodados com o fato de as coisas ainda não estarem resolvidas, pois todas as perguntas eram respondidas com um “Que venha a revolução”. Para eles, parecia que as coisas caminhavam a passos de tartaruga. Reclamavam constantemente enquanto fechavam os envelopes com cartas de divulgação para os eleitores ao lado dele, sempre parecendo “impertinentes e rancorosos”.<sup>1</sup> Reclamavam sem parar que o povão, o *lumpemproletariado*, como alguns se referiam desdenhosamente a eles, não era motivado o suficiente, não estava protestando nas ruas e nem mesmo lutando contra a polícia. Eles simplesmente não eram revolucionários o bastante, sendo, assim, filhos e filhas do Canadá permissivos demais. Pareciam um bando de chorões sonhadores, tão preguiçosos intelectualmente quanto seus antigos colegas de crisma, mas ainda mais irritantes. Pelo menos, os cristãos não esperavam que as pessoas encontrassem Jesus por si só e, depois, reclamavam quando isso não acontecia.

## 6 O MESSIAS SELVAGEM

Eles sabiam que as pessoas estavam lutando em um mundo caído. Aqueles marxistas mais jovens estavam irritados porque as pessoas simplesmente não entendiam a situação, quando era óbvia demais.

Nada daquilo tinha qualquer obviedade ou facilidade para Jordan, então ele passou a ficar distante dos reclames. Questões importantíssimas que poderiam salvar a humanidade da catástrofe ainda precisavam ser respondidas. A resposta mais simples, como todos leram no *Manifesto Comunista*, de Marx e Engels, era a injustiça econômica. Tal era a raiz de todos os males; não o dinheiro, mas a falta dele e do poder que dele decorria às pessoas da classe trabalhadora. Isso fora o que causara todo o sofrimento no mundo. No entanto, para a mente de Jordan, isso não chegava nem mesmo perto de explicar como um brilhante pesquisador médico oriundo de uma rica família alemã poderia ter se tornado o infame Dr. Josef Mengele, em Auschwitz. A economia não tinha nada a ver com isso. Obviamente, havia algo muito mais profundo, muito mais maldoso acontecendo.

Com sua mente fixada firmemente na visão utópica para o fim do mal de alguma forma e por meio de um paraíso global de trabalhadores, ele se uniu à luta de todos os empregados e deu seu primeiro passo no mundo real do trabalho. Na cabeça dele, tal começo fora a passos largos, como um colosso musculoso empunhando habilmente um martelo, tal qual os cartazes revolucionários soviéticos — o martelo empunhado no alto, desafiador, o rosto voltado para cima, olhando heroicamente para o futuro. Na verdade, ele era um lavador de pratos não tão musculoso assim em um restaurante local, pequeno, com a cabeça repleta de perguntas desesperadamente importantes necessitando de respostas.

Trabalhador sempre esforçado e agradável, embora sendo um jovem bem reservado, não demorou até que fosse promovido a cozinheiro, função na qual experimentou as primeiras e vagas indicações da opressão. Não a opressão de classes, pois até onde sabia, todos em Fairview pertenciam à mesma classe, porém, a opressão das demandas constantes do trabalho em si, que não mais lhe permitiam ter tempo para a leitura. Mudou de emprego, passando a ser frentista em um posto local, trabalho no qual podia ficar com as mãos sujas tal qual um Ivan, membro da real classe trabalhadora, e conseguia ler algumas páginas entre os atendimentos. Desenvolvia habilidades e disciplina como funcionário, mas a opressão

parecia não estar por perto na comunidade unida de Fairview. Todos eram trabalhadores, até mesmo os chefes. Porém, de acordo com o NDP, opressão era o que não faltava. Os chefes políticos de Ottawa estavam sempre passando a perna nos fazendeiros de alguma forma, ou enganando os trabalhadores petroleiros com algum esquema. O problema era que o partido simplesmente não conseguia atrair muitos interessados e continuava com dificuldades e sem qualquer poder, até que, em 1968, Notley assumiu a liderança e, em 1971, ganhou assento na Assembleia Legislativa de Alberta. Quando Jordan respondeu ao chamado para agir, em 1975, o NDP era ainda um partido de minoria no governo provincial, com um poder real muito pequeno. Mas era um grupo no qual ele conseguia transformar seus entusiasmos juvenis em conceitos refinados de justiça social, ao mesmo tempo em que aprendia as bases da organização política.

Terminando o ensino médio, aos 17, mudou-se para Grand Prairie, a 96km dali, e começou a estudar na Faculdade Regional Grand Prairie. Pensava que gostaria de ser advogado, alguém que protegeria os inocentes e puniria os malvados. A escolha de seus estudos visava prepará-lo para uma carreira no tribunal.

A política ainda o cativava, especialmente a de esquerda, popular entre seus novos colegas de sala. O marxismo estridente parecia uma saída incerta, visto que a maioria dos alunos tentava ao máximo ser legal. Parecia um tanto prepotente e idiota sair por aí protestando e gritando slogans, usando pequenos óculos nerd à la Trotsky ou bonés de trabalhadores comunas, assim, debates regados a cerveja e defumados com bongs nos dormitórios eram uma alternativa mais atraente. Especialmente em um mundo que prosperava com a ideia do “bacana”, do “cool” — jazz, roupas, garotas e garotos, todos bacanas e cool —, o marxismo não caía bem para Jordan.

Ele era um valentão, cowboy fronteiro dos campos petrolíferos de Alberta. Falava rápido e pensava mais rápido ainda. Cresceu lutando por seu espaço em uma matilha de lobos composta por caras durões, então o que lhe faltava em estatura física era compensado por ridicularizações esmagadoras.

Aqueles que sabem sobre os cowboys dizem que o animal mais perigoso do mundo é um cowboy de 75kg. Jordan era agora um deles, mas ainda menor, e com uma pequena provocação, ficava irascível tal qual um demônio. Perto dele, qualquer um aprendia rápido a ter cuidado com o que

## 8 O MESSIAS SELVAGEM

dizia. Nenhum argumento indolente ou fraco passava sem ser desafiado, e todos os insultos velados eram descobertos. Ele não era muito bacana, mas sério, intenso. Estava com pressa.

Já havia lido, anos antes, sobre os mundos ficcionais da opressão da classe dominante em *1984*, de George Orwell, e em *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, com a ajuda de Sandy Notley. Mas quando oportunamente descobriu o mundo real e chocante em *Arquipélago Gulag*, de Alexander Soljenítsin, parecia que tinha sido atingido em cheio no peito com a pá de um extrator de sal. Ao ler as centenas de páginas com detalhes do mal nojento e monstruoso da moderna União Soviética, o brilho de um paraíso utópico dos trabalhadores começou a escurecer rapidamente. Os marxistas não eram melhores que os capitalistas; na verdade, eram terrivelmente piores! Marx disse que a religião era o ópio do povo que ninava os trabalhadores, mas os comunistas eram a heroína que os matava de primeira.

Para a mente explosiva e o coração confiante que tinha, em uma busca sagrada pela verdade, isso foi uma revelação arrasadora. Ele tinha sido um tolo. Tinha sido traído pelos amigos confiáveis da família, Sandy e Grant Notley.

Tinha sido um jovem tolo, gritando belas palavras que não entendia completamente, como um advogado sabichão. Estava indignado. Mentirosos!

Sua utopia no horizonte caiu em ruínas perante os olhos de sua mente, enquanto assistia, estupefato por sua tolice. Caiu como os colegas prisioneiros de Soljenítsin que, naquele mesmo dia, estavam sendo forçados a trabalhar e passar fome até morrerem nos gulags. Os prisioneiros que ele ajudara a escravizar. Sim, ele mesmo. Toda aquela falação tinha apenas justificado um sistema corrupto que humilhava aqueles miseráveis, exilava-os e, depois, assassinava-os. *Não tinha como sair dessa, garotão!* Tal percepção deve ter sido devastadora.

Não tinha como sair dessa, por lado nenhum. A ignorância, a humilhação e o engano pairavam em todas as direções. Tudo o que podia fazer era retirar-se. Ficou ressentido com aqueles que o haviam enganado, e também com aqueles que, como ele mesmo, haviam permitido ser enganados. Ficou furioso consigo mesmo e com os outros imbecis no mundo todo que

estavam promovendo aquele sistema descaradamente mau. E, por fim, para aliviar sua dor, engoliu a amarga droga do niilismo, a crença de que a vida não tinha sentido e as pessoas eram apenas parasitas desmioladas. Vagamente, pensamentos infernais de violência começaram a se infiltrar no vazio onde seus sonhos costumavam estar. Talvez ainda nem entendesse a palavra *niilismo*, mas o diabo, como sua mãe teria lhe explicado caso ele tivesse demonstrado respeito o bastante para ouvi-la, tem muitos nomes obscuros. E não demoraria até que ele aprendesse cada um deles.

Após algumas semanas, enquanto processava sua percepção devastadora, o choque e o nojo diminuíram, e ainda sentia que a ideia coletivista de todos compartilhando tudo devia ter algum valor. Era apenas senso comum. Não dava para jogar tudo no lixo. Ele *sentia* a verdade naquilo. Os russos obviamente a haviam entendido mal, de alguma forma foram corrompidos.

Que os trabalhadores estavam sendo tratados como escravos contratados em todos os lugares, era óbvio. Os ricos não se importavam com eles, tampouco os políticos, e a Igreja, ainda menos — ou já teriam feito algo àquela altura.

Talvez estivessem todos enfraquecidos, provavelmente até os marxistas russos, pelos capitalistas que os atacavam constantemente com propaganda política e estavam prontos para proteger seus lucros com bombas nucleares, se preciso fosse. Estava claro que os dois lados faziam parte de um sistema insano. O sistema é que estava errado, e não a teoria marxista. Tinha que ser o sistema. Algo em sua profundidade, esquecido pelos pensadores preguiçosos e corruptos.

De qualquer modo, ele não conseguiria escapular do marxismo como fizera com o cristianismo. Quando parou de frequentar as aulas da escola bíblica, ninguém sequer percebeu. Mas agora era diferente. Deixara sua marca e havia assumido uma posição. A humilhação de voltar atrás seria fatal, socialmente falando. Ele sabia que conseguiria colocar esse pino quadrado em um buraco redondo apenas se tivesse tempo suficiente para pensar. Teria que trabalhar muito mais para descobrir a falha que havia capturado Soljenítsin e seus colegas prisioneiros.

Deve ter sido difícil seguir em frente, escondendo sua humilhação, mas não havia escolha. Ele tinha que se redimir. O relógio nuclear não parava. A guerra nuclear nem mesmo era mais chamada de *guerra*, mas de *destruição mútua assegurada* ou MAD [*mutual assured destruction*] nas falas políticas. Aniquilação total e global. Nem mesmo importava quem seria o primeiro a lançar; os russos atingiriam os Estados Unidos e devastariam o Canadá também — por 24 mil anos! Mas o mundo terminaria muito antes disso, pelo inverno nuclear e pela fome em massa, era o que dizia a ficcional propaganda política da KGB soviética que dizimava a vontade política norte-americana.<sup>2</sup> Tal mentira sobre o inverno nuclear era tão eficaz, que quando os alarmes de incêndio foram testados durante alguns fins de semana em todos os EUA e no Canadá, ninguém, especialmente os adolescentes com imaginação fértil como Jordan Peterson, tinha 100% de certeza de que não eram, de fato, os alarmes anunciando os mísseis que estavam chegando para causar o fim do mundo.

A humilhação por sua ingenuidade e pela possibilidade de morrer de fome em um inverno nuclear, como os prisioneiros colegas de Soljenítsin na Sibéria, só aumentava sua pressão interna. Obviamente ele não entendia nem mesmo algumas realidades políticas básicas. Não era uma questão que poderia ser respondida com cerveja, bongos e papo furado com os jovens bacanas. E como poderia mesmo obter as respostas, se não havia nenhum adulto a quem pudesse recorrer?

Esperava obter orientação com os líderes socialistas do *campus* e aparentemente encontrou alguns que eram dignos de seu respeito. Mas os reclames, como os voluntários do NDP, muitas vezes “não tinham trabalho, família e educação concluída — nada além da ideologia. Eram imperinentes, irritadiços e pequenos, em todos os sentidos da palavra”.<sup>3</sup>

Os mortos da história de Soljenítsin ralhavam sua paz de espírito. Sussurravam para ele quando as garotas lhe lançavam olhares e sorrisos em festas. Eles o acordavam em salas de aula sufocantes quando o ruído do apagador, ao bater levemente no quadro, transformava-se em uma picareta golpeando a camada de pedra branca em uma mina de sal. Nunca o deixavam em paz por muito tempo.

Motivou-se ainda mais, determinado a descobrir onde havia errado. O que teria deixado passar enquanto perseguia a utopia? Ele permanecia com os políticos, em geral esquerdistas, no *campus*, uma vez que era onde

as coisas aconteciam. Coisas como o icônico romancista e totem da cultura jovem, Kurt Vonnegut, discursando na Faculdade Bennington:

Não seria correr atrás do vento falar sobre uma abundância modesta para todos. Lá na Suécia é assim. Podemos ter isso aqui também. Dwight David Eisenhower certa vez destacou que a Suécia, com seus vários programas utópicos, tinha uma alta taxa de alcoolismo e suicídio, além de um desassossego entre os mais novos. Mesmo assim, gostaria de ver os Estados Unidos tentarem o socialismo. Se começarmos a beber demais ou a nos suicidar, e se nossos jovens começarem a agir como loucos, podemos voltar à boa e velha Livre Iniciativa novamente.<sup>4</sup>

Mexendo ainda mais na ferida, Yuri Bezmenov, agente soviético da KGB, desertara rumo ao Canadá anos antes e havia aberto o bico sobre o plano russo de apoiar vinte alunos esquerdistas, como Jordan, e enfraquecer o Ocidente. Nas palavras dele:

A ênfase da KGB está muito longe de ser na área de inteligência... 85% estão em um processo lento que chamamos de subversão ideológica... ou guerra psicológica. Isso significa basicamente que queremos mudar a percepção da realidade de cada norte-americano (e canadense) a tal ponto que, apesar da abundância de informações, ninguém conseguirá chegar a conclusões racionais a bem de defender a si próprio, sua família, sua comunidade e seu país.<sup>5</sup>

Obviamente, quase ninguém, além dos conservadores (que ficaram imediatamente de cabelos em pé), jamais ouvira falar de Bezmenov, mas todos sabiam quem era Vonnegut. Com um conflito crescente em sua mente, o idealista Jordan Peterson sabia que poderia pelo menos estar com o pessoal da esquerda, muito embora não os admirasse, enquanto as mesmas velhas perguntas sobre o bem e o mal martelavam em sua cabeça, começando a deixá-lo louco.

Chegara a hora de agir. Definiu como missão concorrer ao cargo de representante estudantil no Conselho de Governadores da Faculdade Regional Grand Prairie. Aprendera como fazer campanha quando

trabalhou para Grant Notley, e agora fazia campanha para si próprio. Ele mergulhou de cabeça na política e conquistou sua vaga no Conselho, acreditando que teria uma confrontação direta com o inimigo conservador. Lá, participavam empresários locais bem-sucedidos, conservadores, como a maioria dos moradores da província de Alberta, em geral agradáveis e tolerantes ao jovem socialista agora entre eles. Jordan irritou-se quando percebeu que não conseguia encontrar um pingão de sentimento opressor no grupo. Contra que diabos de inimigo ele tinha que lutar? Ficava ainda mais incomodado pelo fato de começar a realmente admirá-los. Pelo menos, eles não ficavam reclamando sobre o estado do mundo, como seus colegas socialistas. O mundo destes aqui estava prosperando, deixando-o de certa forma mais confuso e infeliz.

Como menciona em seu primeiro livro, *Mapas do Significado*, na época em que tinha um colega de quarto cético na faculdade,

ele demonstrava ceticismo com relação às minhas crenças ideológicas. Ele me disse que o mundo não podia ser encapsulado dentro dos limites da filosofia socialista. Eu tinha chegado mais ou menos a essa conclusão sozinho, mas não a admitira tanto em palavras.<sup>6</sup>

Não demorou para que, em suas leituras, passasse por *O Caminho para Wigan Pier*, de George Orwell, um livro que acabou com sua confusão quanto aos motivos de seus colegas socialistas serem uns perdedores insuportáveis, além de lhe mostrar pelo menos uma grande falha no socialismo que vinha tentando desesperadamente encontrar. A respeito desse livro, ele disse:

Orwell fez uma análise político-psicológica das motivações do socialista de classe média, intelectual e em seu paletó de tweed, chegando à conclusão de que não é que pessoas assim não gostavam dos pobres; elas apenas odiavam os ricos... aí está!, pensei. É isso, o ressentimento.<sup>7</sup>

Ele descobriu não apenas o ressentimento, mas a escada caracol que descia ao próprio inferno. Descobriu que o ressentimento levava ao ódio, e

o ódio, à vingança. Por sua vez, a vingança levava ao escabelo do Príncipe das Trevas em pessoa: a demonização. Uma vez que a pessoa é demonizada, sua humanidade se apaga. Ela se torna desumana e sujeita a todas as desumanidades. Assim, qualquer mal que se lhe apresente, até o assassinato ou mesmo o genocídio, torna-se meramente o cotidiano, algo banal.

É de tal forma que um padeiro alemão gente boa se torna o guarda imperturbável em Auschwitz, levando crianças ao médico pesquisador outrora brilhante que havia se transformado no impiedoso Dr. Mengele. Então, ambos são alemães leais e orgulhosos, alegremente a serviço do Príncipe.

À medida que Jordan percebia que o ressentimento e a atrocidade se encontravam em cada ponta de uma reta, também se deu conta de que isso não poderia ser verdade apenas para os socialistas. Era a condição humana. Era como o mundo funcionava. E, portanto, qualquer defensor de qualquer causa, incluindo ele mesmo, deveria ser considerado com suspeição. Cada crença parecia, assim, não ter valor algum, uma vez que não dava para confiar que qualquer pessoa a viveria totalmente.

Mas, pelo menos, agora encontrara uma direção. Deu o primeiro passo descendo a escada caracol rumo às trevas. Já não reconhecia mais quem era bom e quem era mal, incluindo sua própria família e a si mesmo. Não sabia mais no que acreditar ou não. Com esse dilema terrível, a pressão interna aparentemente despontou, aumentando seu isolamento.

O passo seguinte foi obscuro, e ele tomou cuidado. Mais pensamentos e leitura seriam necessários. Por ora, ainda conseguia fingir sua postura no curso de Direito e em seus deveres no Conselho dos Governadores, mas a política e o direito começaram a perder seu brilho para ele. Seus pontos de referência extraviaram-se, então permaneceu no primeiro degrau da escada, sem acreditar em nada e em ninguém.

Continuando a descida, o próximo degrau seria sua descoberta: o ressentimento. Não era algo que lhe ocorrera naturalmente; afinal não era uma pessoa ressentida, e considerava ser essa uma qualidade sem atração. Como todos pareciam ser igualmente indignos de confiança, não havia alguém especificamente contra quem guardasse ressentimentos. Ainda não. Em breve apareceriam muitas oportunidades na direção na qual seguia, e o Príncipe já batia o pé, calçado de pantufas, impacientemente.